

ERRÂNCIAS POÉTICAS À LA BRASILEIRA

Vera Casa Nova
UFMG

RESUMO

O texto apresenta alguns momentos da poética contemporânea brasileira, tendo como pressuposto as antropofagias.

PALAVRAS-CHAVE
poética da errância, antropofagias

La poésie est le sacré particulier du poème.

Meschonnic

Permitam-me o vôo de pássaro. O assunto assim o exige pelo momento.

Somente as tagarelices contemporâneas poderiam dar conta dos versos, dessa poética dita do hoje. Glosa de história. O que se pode dizer de algo do qual estamos perto, ainda colados, quando não encontramos o monumento, mas apenas os fragmentos do universo poético?

A leitura dos versos contemporâneos nesse murmúrio de vozes, cuja cena textual se desdobra, envia-nos a partilhas de uma herança — a herança modernista: Mário, Oswald de Andrade, Rosário Fusco, Drummond, Murilo Mendes, Ávila, e tantos omitidos/esquecidos, outros.

Leitores antropófagos, na medida em que, de uma forma ou de outra, é impossível ficar imune àquela poética, tão radicalmente brasileira e tão culturalmente universal. Convergências ou divergências, intertextualmente, no universo poético, acontecem. Uns sabem, outros não sabem conscientemente desta pulsão de errância de que a antropofagia nos acomete, e que imprime ao devenir este caráter de potência que Oswald aponta quando diz que “só a antropofagia nos une”.

Dirão alguns: mas é uma grande generalização. Mas como não generalizar diante de uma poética contemporânea, em que autores são devorados e se devoram como prática de leitura?

Os manifestos modernistas, as poéticas da vanguarda européia residualmente continuam seus caminhos e abrem outros. Os gritos ainda repercutem nas vozes e nos corpos. Os sentidos das metáforas, as semiologias do imaginário. Como esquecer Mallarmé? Pound? Pessoa? Os mitos e os rituais da escultura com suas derivas, rupturas e derrisões?

O poeta errante, nômade, faz de sua poética uma grande e espetacular especulação: viver paradoxos, simular o teatro do mundo, experimentar limites, delírios, fantasmas, hermetismos.

O retorno cíclico de valores poéticos depositados em algum lugar antropológico do imaginário faz o verso ser mais lúdico, ao mesmo tempo que aponta para o trágico da efemeridade das coisas, dos sentidos, dos seres. O sentimento trágico da vida que para muitos críticos lembra-nos o barroco, um neo-barroco, faz do verso — o verbo radical. E que, por outro lado, marca formas de intensidade única, ora social ora individual — como um vírus que em seu bojo traz a luta, a febre, acarretando migrações constantes, viagens, deslocamentos, descentramentos, próprios do movimento da criação.

Incessantemente esse movimento é o das grandes perdas, onde a força escritural encontra seu lugar.

perdido entre signos
decifro devoro
persigo persigno
redecifro redevero
entre signos perdido
devoro decifro
signo poesigno
redevero rededifro
entreperdido paraíso
voraz cifro
desenho desígnio¹

Ou ainda o poeta:

.....
mais uma
vez
sinto
sem palavras
olhos
nos dedos
diante
da máquina²

Iconicidades da linguagem verbal e não-verbal, aventuras languageiras como as de Arnaldo Antunes:

a gagueira quase palavra
quase aborta
apalavraquasesilêncio

¹ ÁVILA. In: *Artes e ofícios da poesia*, p.92.

² IBIDEM. p.87.

quase transborda
osilêncioquaseeco.³

Ou ainda Tião Nunes, na radicalidade do jogo.

um poema é um jogo de palavras
um monte de bosta não é um poema.
um poema é um monte de bosta.
um monte de palavras não é um poema.
um poema não é um monte de palavras.
um monte de palavras é um poema
de bosta.⁴

Ou ainda:

poesia não tem lei:: o rei da poesia: o gato comeu.⁵

Entre excessos de paródias, intertextos múltiplos, o poeta parte de uma experiência poética inigualável para complexidades cujo acaso dos sentidos é também daquele que lê. Experiências da descontinuidade, das fraturas da identidade, da fragmentação. Nada é proibido, e a transgressão faz os versos se escreverem uns nos outros. Mutações de espaço literário. O metapoema é uma instalação poética.

poesia
até com uma costela
poesia
confia
em
quem
crema lodo balela.⁶

O poeta marginal, continuamente marginal, novo ou velho, assume neoplatonicamente seu não-lugar ao sol. Continua seu percurso "like a rolling stone". A resistência. Não mais a rebeldia.

As viagens que eu não fiz. Não lugares, paisagens da
memória, atlas do sentimento, mapa-múndi do coração.⁷

A poética é antropofágica e autofágica, não mais oswaldianamente falando, mas um outro canibal:

³ ANTUNES. *2 ou + corpos no mesmo espaço*, p.11.

⁴ NUNES. *Antologia mamaluca e poesia inédita*, p.25.

⁵ IBIDEM. p.13.

⁶ DOLABELA. *Poeminha e outros poemas*, p.9.

⁷ RAMOS. *O júízo final*, p.25.

“Tudo o que eu como
e tudo pelo que sou comido
A essência das flores
e a flor da essência das flores.”⁸

Ou ainda:

Com gula autofágica devoro a tarde
Em que gestos antigos me modelaram
Há muito, extinto o olhar por descaso da retina,
Vejo-me no que sou:
Arquitetura desolada —
Restos de estômago e maxilar
Com que devoro o tempo
E me devoro.⁹

Razão ou emoção antropofágica? Transculturação, transdução. Negação, diferença. Nomadismo do signo. Traduzir, logo transformar, transcriar Rimbaud, Mallarmé traduzidos, transcriados, ou melhor, “reescritos, remastigados” — outros e outros. Irmãos Campos entre metas e línguas fazem do universal, nacional, do racional, universal, onde “a alteridade é, antes de mais nada, um necessário exercício de autocrítica”¹⁰ e, por isso mesmo, exercita-se poeticamente do dátilo ao dígito, em sua aventura sígnica, em *despoemas* que ultrapassam as nomenclaturas dos ismos (histórico-críticos).

Nessa viagem poética, a leitura faz acontecer a imagem da figura emblemática de Dionísio e percorre verso a verso essa potência nômade.

Reina o múltiplo, o heterogêneo, o poeta plural de múltiplas facetas. Identidade em movimento, tensionada em extremos para que a viagem se faça. Viagem precária, mas cheia de vida, afeto, desejo. Efervescência e intensidade das experiências. *On the road* (Kerouac).

Errância do olhar que, inquieto, reescreve imagens, recorta-as em verbo como máquinas de sentidos, construindo crisântempos no espaço curvo ou revisitando todas as leituras feitas durante a vida nunca verdadeira: poética do rastro.

Meninos eu vi.

mas vi tudo isso
tudo isso e mais aquilo
e tenho agora direito a uma certa ciência
e a uma certa impaciência¹¹

Por favor, sejam breves.



⁸ LEMOS. *Corcovado Park*, p.?

⁹ ALVIM in HOLLANDA. *26 poetas hoje*, p.21.

¹⁰ CAMPOS. *Metalinguagem & outras metas*, p.?

¹¹ CAMPOS. *Crisantempo — no espaço curvo nasce um*, p.89.

RÉSUMÉ

Le texte présente quelques moments de la poésie contemporaine, ayant comme pressupposé les antropophagies.

MOTS-CLÉS

poésie contemporaine, antropophagies

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Arnaldo. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- ÁVILA, Carlos. In: *Artes e ofícios da poesia*. Org. Augusto Massi. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1991.
- CAMPOS, Haroldo de. *Crisantempo — no espaço curvo nasce um*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- DOLABELA, Marcelo. *Poeminha e outros poemas*. Belo Horizonte: Pandora, 1998.
- HOLLANDA, Heloísa B. de (Org.). *26 poetas hoje*. 2.ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- LEMONS, Tite. *Corcovado Park*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- RAMOS, O. *O juízo final*. Sabará: Dubolso, 1997.
- NUNES, Tião. *Antologia mamaluca e poesia inédita*. Sabará: Du Bolso, 1983. v.1.